

CATARINA: ATITUDE, ESSÊNCIA E PERSISTÊNCIA EM *A FERRO E FOGO*

Mariana Cardoso MARSARO¹

INTRODUÇÃO

O autor Josué Guimarães em seu romance, que está dividido em dois volumes, *A ferro e fogo: tempo de solidão* (1972) e *A ferro e fogo: tempo de guerra* (1975), relata o processo de ocupação de terras no estado do Rio Grande do Sul por parte dos imigrantes alemães. Colocando como linha de frente a dominação de territórios, o autor apresenta, também, o choque cultural e econômico e o envolvimento dos colonos na vida política e, posteriormente, em acontecimentos históricos que marcaram época.

Sem qualquer indício de ufanismo, o romancista Josué Guimarães trata de literatura, levando em consideração a história do seu Estado Rio Grande do Sul, porém, ele não apenas tece comentários favoráveis, enaltecendo as principais características. Josué assume, sim, uma postura crítica, de denúncia, perante a saga da colonização, mostrando o cotidiano das famílias alemãs, voltando-se para os sentimentos, desejos, costumes e objetivos desse povo, sendo que eles estavam concentrados na luta pela sobrevivência em uma terra hostil, em meio a tanto sofrimento e privações.

Vivendo na imprevisibilidade, sem saber o significado dos reais acontecimentos, os personagens da história sentem-se submetidos ao que lhes é externo e incontrolável. Eles lutam para vencer os fatos que transcendem a sua própria vontade. Então, sabendo que não podem eliminar o sofrimento e a dor de sua vida, tentam aprender com isso, fazer disso uma lição. Lutando contra tudo e contra todos, permanecem em busca de seus direitos e sonhando com a conquista de uma vida melhor.

¹ Graduanda em Letras pela UPF; 91979@upf.br

A História relata que, mesmo vivendo isolados nas colônias, os imigrantes alemães acabavam participando de episódios políticos que não lhes diziam respeito. Simplesmente eram envolvidos, não encontrando reais motivos para poderem sair ilesos. Vale lembrar que alguns deles também atuavam como voluntários, outros eram levados à força. Essas situações são amplamente representadas no romance. Os principais conflitos destacados são: a Guerra Cisplatina (1825-1828); a Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha (1835-1845) e a Guerra do Paraguai (1865-1870), em que os homens ativamente lutavam, enquanto as mulheres permaneciam em casa cuidando da família, dos afazeres domésticos e dos negócios.

Os imigrantes sofrem grande influência do meio, passando por dificuldades de adaptação na nova terra e, também, sentindo certo preconceito dos já habitantes sul-riograndenses, que não admitiam que um povo estranho viesse a conquistar suas terras. Diferenças de cultura observadas nos hábitos alimentares, religião, organização social e política e, principalmente, língua, tornaram ainda mais difícil a sua chegada e posterior permanência, tornando, assim, os membros das famílias ainda mais unidos para uma possível tentativa de superação dos problemas.

A personagem que terá principal relevância nesta pesquisa e possuirá uma análise aprofundada a seu respeito, Catarina Schneider, é quem melhor representa a relação dos alemães com o novo mundo, por meio de sua atitude, essência e persistência, na tentativa de transformar seu povo em agentes civilizadores. Sendo a base da estrutura familiar, é ela quem toma decisões tanto no lar quanto nos negócios, responsabiliza-se por todos os afazeres domésticos, ocupando-se, assim, até das atividades que, no caso das famílias patriarcais gaúchas, seriam destinadas apenas aos homens naquela época.

Todas as tarefas qualificam-na como dedicada à família e ao trabalho, corajosa, determinada, incansável, desejosa de um futuro melhor. A partir disso, assume o papel de chefe da família alemã, mostrando-se resoluta no enfrentamento das dificuldades, sendo, por isso, participante ativa do processo de colonização do Rio Grande do Sul. Como se não bastasse sua personalidade decidida e firme em suas decisões é, às vezes, imprevisível, o que demonstra uma emancipação feminina. Assim, seu interior revela características de uma mulher capaz de aceitar e vencer os desafios impostos pela exploração da terra e pela necessária adaptação a um novo meio.

Catarina, a representação ficcional da mulher alemã gaúcha, é que demonstra toda a força, garra, coragem e vontade de vencer. Ela não tem medo de enfrentar os obstáculos, sabendo que precisa passar por dores e decepções para conseguir atingir seus objetivos, em momento algum pensa em desistir. Lutando “a ferro e fogo” por sobrevivência é que ela assume posição tão importante na narrativa, não podendo deixar de ser analisada.

A FERRO E FOGO: O ROMANCE DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

Os colonizadores alemães não viam mais futuro para suas famílias continuando na Alemanha. Então, como lhes foram apresentados atrativos para virem povoar os territórios sul-rio-grandenses, eles decidiram seguir as vantagens propostas e vieram para o Brasil meridional.

O representante do governo brasileiro, major Jorge Antônio Schaeffer, com o objetivo de atrair os imigrantes facilmente, oferecia aos cidadãos mais pobres dos reinos germânicos, condições extremamente favoráveis, prometendo-lhes vantagens especiais que o império havia suspenso. Entre elas, estavam o pagamento integral da passagem, a concessão gratuita de lotes de terra, o subsídio diário de 160 réis a cada colono no primeiro ano e a metade do valor no segundo e o recebimento de instrumentos de trabalho e sementes. (LANDO E BARROS apud KLAJN, 2000, p. 32) Porém, dentre todas as vantagens oferecidas aos imigrantes, certamente a que mais os convenceu a virem para o Brasil, respectivamente, ao Rio Grande do Sul, foi a possibilidade de serem proprietários de um pedaço de terra.

O primeiro contato da família Schneider com a nova terra é marcado pelo abandono e pela decepção perante o não cumprimento de promessas por parte do governo. Os alemães se sentiram explorados pelos seus próprios compatriotas, tendo que suportar a violência com que foram recebidos pelos já habitantes do território.

Os imigrantes que vieram ao Brasil caracterizaram-se por sua organização sociocultural e religiosa. Formando grupos homogêneos constituíram o seu mundo físico-social ao estilo da terra de origem, mantendo língua, costumes e organizações típicas da Alemanha. Sob o estímulo da imperatriz dona Leopoldina, da casa de Habsburgo, dom Pedro I interessou-se pela intensificação do povoamento e exploração do território sulino. Fixando os colonos a terra através de incentivos, o governo pretendia formar colônias que produzissem gêneros necessários ao consumo interno e, ainda, proteger as regiões despovoadas do Rio Grande do Sul das possíveis incursões espanholas, quilombolas e indígenas. (KLAJN, 2000, p.32)

A luta pela sobrevivência biológica, marcada por uma regressão técnica resultante da adaptação ao novo meio, fez com que cada família tivesse que fiar e tecer o linho e o algodão, produzir a farinha de mandioca e de arroz, fabricar o óleo, o açúcar, o fumo, como também a louça. Assim, as primeiras atividades dos colonos alemães tenderam à satisfação de suas necessidades essenciais: alimentar, alojar e vestir-se. (ROCHE, 1969, p.38)

Nas colônias do Rio Grande do Sul estava presente em maior escala a importação, em que os colonos compravam produtos vindos da Alemanha para garantir sua sobrevivência. Mas era necessário também vender para que pudessem obter lucros. Assim, os agricultores e os artesãos tiveram orientações comerciais, tornando-se bons comerciantes, agentes de trocas de grande importância. O comércio tem suas raízes nas colônias, tendo, realmente, Catarina Schneider como uma de suas principais precursoras.

O desenvolvimento obtido no comércio se tornou possível por meio das trocas, que influenciaram muito na produção e na economia das colônias. Houve, assim, uma estreita relação entre o comércio e a agricultura. Desde as origens da colonização, todas as trocas se fizeram por permuta. O que é característico da colônia, é a universalidade e a perenidade do sistema. Todos os viajantes que visitam as colônias, todos os funcionários do serviço de colonização indicam que as operações se fazem por trocas “como nas eras passadas, quando não se conhecia o dinheiro”. (AVÉLALLEMANT, TSCHUDI, LACMANN apud ROCHE, 1969, p. 410-411)

As comunicações de São Leopoldo pelo rio dos Sinos tornavam-se de fácil acesso. Portanto, os comerciantes alemães, entre eles a personagem Catarina, responsável pelos negócios da família Schneider em São Leopoldo, iam a Porto Alegre para vender seus produtos e comprar mercadorias necessárias às suas vendas. Chefiando sua pequena oficina

artesanal, por meio da exploração do trabalho manual do marido Daniel Abrahão, é que a personagem inicia seu negócio comercial que se expandiu logo, percebendo aí a possibilidade de enfrentar o concorrente Gründling, responsável pela sua degradação. Então, ela passa a odiá-lo, considerando-o a única pessoa responsável pela situação de que ela e sua família estão sendo vítimas. Potencializa aquele sentimento, a tal ponto que o transforma no propulsor de sua luta pela vida e pelo desenvolvimento comercial:

Soqueou em pensamento a figura imaginária, cortou-lhe o rosto com as unhas, (...) arrancou-lhe os olhos (...) Um ódio que nunca sentira em toda a sua vida e que jamais imaginara pudesse ter. Pensou em Deus e pediu a Ele que a ajudasse a alimentar aquele ódio, dali para a frente ele passaria a ser a razão de sua vida. (*A ferro I*, p.36)

A Alemanha não encontrou grandes benefícios para investir seus capitais diretamente na região do Rio Grande do Sul. Portanto, não houve sociedades comerciais e nem empresas alemãs interessadas em uma maior exploração do território. Existia apenas uma pequena relação comercial entre os países, sendo que, quando os imigrantes alemães, posteriores comerciantes de São Leopoldo, precisavam de alguma mercadoria, era feito o processo da importação.

Tal foi a participação dos imigrantes alemães e seus descendentes na organização comercial do Rio Grande do Sul. Do comércio rural, que vivia em simbiose com a agricultura, passaram para o alto comércio, que orienta a produção agrícola na colônia, a circulação e a distribuição dos bens de consumo na maior parte do Estado, através do capital. Desenvolveram diversos ramos de comércio de importação-exportação, à qual devem a sua prosperidade. Essas firmas exercem crescente influência sobre o comércio rio-grandense: enquanto os primeiros chefes eram alemães, frequentemente voltavam à Alemanha e permaneciam alemães de coração e de fato, os de hoje são, antes de tudo, sul-rio-grandenses. Certamente, mantêm estreitas relações profissionais com a Alemanha e dedicam-lhe sincera afeição, mas participam estreitamente de todos os empreendimentos econômicos, sociais e culturais, que são, ao mesmo tempo, a medida e o argulhão do progresso desse Estado brasileiro. Assim, fazem-se eles próprios os agentes da transformação de sua nova pátria. (ROCHE, 1969, p.466)

Como o Rio Grande do Sul possuía interesses na vinda e permanência dos alemães no Sul do país, para que pudessem formar e dar continuidade a uma camada social de pequenos proprietários, necessitava atualizar e melhorar constantemente a legislação, as normas, a estrutura burocrático-administrativa, a infra-estrutura portuária e terrestre e os contatos internacionais. Assim, tentando tornar melhor, de algum modo, a sobrevivência dos colonizadores em terras sulinas.

Vários foram os fatores que contribuíram para o sucesso da colônia de São Leopoldo, onde estava concentrada a família Schneider e seu comércio. Cada família recebeu um lote gratuito de 77 hectares, a assistência através do fornecimento de alimentos, sementes, ferramentas que, apesar do envolvimento direto da Província na Guerra Cisplatina neste período, contou com efetivo empenho do Presidente José Feliciano em fornecer o mínimo indispensável nos primeiros tempos. (MACHADO, 1999, p.20) Sendo que o principal fator de destaque foi a localização privilegiada, à margem do Rio dos Sinos e perto de Porto Alegre, facilitando o transporte fluvial e o escoamento da produção.

É difícil enumerar todos os aspectos através dos quais as populações de origem alemã contribuíram para o desenvolvimento do Estado. Poder-se-ia citar a agricultura, o comércio, as redes de navegação, as escolas, o desbravamento das matas, a fixação dos limites do Rio Grande do Sul como Estado brasileiro... Do ponto de vista social, “a entrada de imigrantes possibilitou que (...) se desse o processo de transição de mão-de-obra escrava para a mão-de-obra livre.” (PESAVENTO, apud SCHREINER, 1996, p.47) Do ponto de vista da estrutura produtora, ocorreu a diversificação para o abastecimento do país. (SCHREINER, 1996, p.47)

O período de colonização pode ser compreendido como processo de modernização da sociedade brasileira, em que os imigrantes alemães demonstram seu amor ao trabalho e a família com total dedicação, e seriedade, respeito às autoridades são as características que os destacam. Convém ressaltar, enfim, que se tentarmos traçar uma identidade para o povo do Rio Grande do Sul, não poderemos deixar de citar a simples presença dos imigrantes alemães, sendo impossível conceber um sem o outro. O imigrante alemão tornou-se ponto essencial na definição do Estado.

Há em Josué Guimarães, portanto, três eixos que sustentam a sobrevivência do imigrante alemão no Rio Grande do Sul. O ódio de explorador, corrupto, mas tem as suas raízes no abandono a que foram relegados os primeiros imigrantes, na desilusão diante do

não cumprimento das promessas que lhes foram feitas. Outro eixo reside no progresso financeiro, material, que é obtido pelo trabalho incansável de Catarina, mas também pela corrupção de Gründling, envolvido com autoridades nacionais. O terceiro eixo, base para a sobrevivência, parte da alienação e culmina com a vivência absoluta da fé religiosa, envolvida pela loucura e pela arte. Daniel Abrahão no fundo de seu poço cria obra artística do sofrimento de Cristo, mas também padece e corporifica na própria dor de sua vida as dores do Cristo crucificado. (SCHREINER, 1996, p. 100) Porém, ao longo da narrativa esses eixos vão se desfazendo.

Em *A ferro e fogo*, narrativa em 3ª pessoa, o autor concentra a ação nos próprios imigrantes, no seu ambiente de vivência, em suas casas, com suas dificuldades e angústias, na sua luta incansável para marcar presença e obter seu espaço na nova terra. Catarina Schneider mostra, por meio da mulher imbatível e corajosa, enfrentando qualquer tipo de dor, sendo violentada e não se deixando abater por isso, que representa o preço da conquista, tornando-se personagem marcante em todos os momentos de seu trajeto na narrativa do autor Josué Guimarães.

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS COLONIZADORES: GOVERNO, POSSE DE TERRAS E PERÍODOS DE GUERRAS

As primeiras dificuldades encontradas pelos colonizadores quando chegaram ao sul do Brasil foram com relação ao governo. Promessas foram feitas, atrativos oferecidos, mas pouco disso tudo foi cumprido. Então, para que pudessem manter-se no Rio Grande do Sul, os colonos tiveram que lutar bravamente, procurando meios para sua sobrevivência na nova terra.

Segundo Roche (1969, p.96),

Só aos primeiros habitantes foram concedidas terras sem atraso; já os que chegaram em dezembro de 1824 encontraram dificuldades em instalar-se; quanto aos que vieram logo depois, tiveram, muitas vezes, de esperar meses para ver concederem-lhe um lote, e, no entanto, a divisão da Feitoria realizou-se à pressa. Era preciso alojar os imigrantes, que não podiam ficar amontoados no prédio que os agasalhava. Existia abundante material nos lotes, mas os colonos deviam aprender a usá-lo. Contudo, tinham de arrotear e cultivar suas terras. O governo lhes distribuiu ferramentas e sementes. Até que pudessem prover às próprias necessidades, receberam, mais ou menos regularmente, a indenização que lhe fora prometida. O Inspetor fiscalizava os fornecimentos de víveres, de sabão, de velas, de fumo, feitos aos imigrantes.

Sendo assim, os imigrantes alemães precisaram defender-se sozinhos, pois a ajuda do governo foi pouca, e ainda com atrasos.

Como explica Renate Schreiner (1996, p.34), os primeiros imigrantes vindos ao Rio Grande do Sul foram recebidos em Porto Alegre pelo Presidente da Província José Feliciano Fernandes Pinheiro, que tomou providências para que recebessem carne e farinha, algum legume e tempero de toucinho e sal, bem como também sementes para suas primeiras culturas. Após, foram encaminhados à Feitoria do Linho e Cânhamo, perto de São Leopoldo. Já, os outros grupos, com o passar do tempo, começaram a enfrentar problemas, desde o seu estabelecimento em território sulino até a organização da colônia.

Então, em São Leopoldo, em meio aos prejuízos sofridos, ao atraso na distribuição de terras (em alguns casos tiveram que esperar meses para receberem seus lotes), à falta de utensílios essenciais à sua sobrevivência, o jeito que os colonos encontraram para enfrentar isso foi a solidariedade étnica em comunhão com sua intensa fé religiosa. Assim, os imigrantes buscavam nos seus compatriotas ajuda material e apoio moral. Os alemães auxiliavam-se no desbravamento da mata, na construção de casas e na hospedagem das novas famílias. A homogeneidade étnica das colônias foi sua base de sustentação, já que encontravam nos compatriotas tanto ajuda material, quanto apoio moral. O isolamento determinou a unidade no modo de vida desses grupos humanos e limitou seu horizonte às comunidades locais, permitindo-lhes manter tanto a língua materna, quanto sua fé, seus costumes e tradições. (SCHREINER, 1996, p.35-36)

É recorrente na História a ideia de que essa homogeneidade e união permitia o avanço das colônias, embora causava preocupação para o governo e a população gaúcha de que o Rio Grande do Sul fosse transformado em uma pequena Alemanha. Segundo Klajn (2000, p.61),

O preconceito dos gaúchos em relação aos imigrantes alemães é visível pela forma como observam os estrangeiros. Sentem-se melindrados pela penetração de estranhos no grupo local. O alemão coloca-se em contraste com a figura tradicional do gaúcho, que se ressentia pela possibilidade de que a presença do imigrante possa alterar os costumes, a fé e a constituição social sul-riograndense.

O modo de vida dos alemães, sem dúvida, sofreu modificações pela assimilação de hábitos e atividades próprias das pessoas naturais do Rio Grande do Sul. No romance, esse fato é devidamente representado ao narrar a cena em que Daniel Abrahão expressa seu desejo de sorver um chimarrão dentro do poço. Klajn (2000, p.62) explica que:

a aculturação ocorre ainda quando aprendem a preparar um braseiro ou a montar em pelo, como um gaúcho. Os Schneider também passam a alimentar-se de churrasco e valorizam os conselhos de Juanito, construindo as suas casas com cobertura de palha. O chefe da família torna-se apto a caçar aves e capivaras; evapora a água salgada do mar, trazida em pipas, aproveitando o sal no preparo do charque.

Durante os períodos de guerras, os imigrantes alemães sofreram muito. Eles lutavam como voluntários, sem receber nada em troca, apenas o sofrimento decorrente das guerras e a saudade de suas famílias, que ficavam tempos sem obter notícias, pensando se os parentes estariam vivos ou mortos. A solução era apenas rezar para que tudo corresse bem e os participantes voltassem logo para casa. Grande dificuldade enfrentada pelos colonizadores foi o fato de não falarem a mesma língua dos habitantes sul-rio-grandenses, assim não conseguiam compreender uns aos outros durante as guerras. A partir disso, pode-se perceber que os alemães deram a sua contribuição ajudando o Brasil nas três grandes guerras: Guerra Cisplatina (1825-1828); Revolução Farroupilha (1835-1845) e Guerra do Paraguai (1864-1870).

A guerra Cisplatina foi um conflito ocorrido entre Brasil e Argentina, no período de 1825 a 1828, pela posse da Província Cisplatina, a região atual do Uruguai. Esse foi o primeiro conflito armado internacional que o Brasil lutou pela supremacia sul-americana.¹ Nessa luta, os soldados alemães percorriam caminhos sem saber bem o que fazer, nem sabiam bem por onde andavam, e permaneciam isolados pela língua, em grupos à parte. A cavalaria exausta não aguentou, muitos animais caíam, deitavam e nenhuma força conseguia os fazer levantar. O cheiro de suor das fardas pelos dias passados sem tomar banho tornava-se insuportável, a fome e a sede aumentavam a cada dia. E os alemães começavam a achar estranho estarem metidos na guerra sem ter nada a ver com a coisa, tecendo comentários a respeito: “- É, a gente sai da Europa por causa das guerras e vem pra cá e é guerra de novo. Em qualquer lugar é assim”. (*A ferro e fogo I, p. 71*). Após três anos

de luta e ferimentos, na convenção preliminar de paz, assinada no Rio de Janeiro, o Império do Brasil e a República das Províncias Unidas do Rio da Prata, renunciaram às suas conquistas e reconheceram como estado independente a Província Oriental, que passou a se chamar República Oriental do Uruguai.²

¹Disponível em: < <http://www.infoescola.com/historia/guerra-da-cisplatina/>>. Acesso em: 4 de dezembro.

²Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_da_Cisplatina>. Acesso em: 4 de dezembro.

A Revolução Farroupilha também conhecida como Guerra dos Farrapos durou de 1835 a 1845, destacando-se a figura de Bento Gonçalves.³ Ocorrida contra o governo imperial do Brasil, na então Província de São Pedro no Rio Grande do Sul, resultou na declaração da independência da província como estado republicano, dando origem à República Rio-Grandense. Foi essa luta que Phillip, que não tinha idade para entrar numa guerra, e Juanito, fiel companheiro da família, resolveram enfrentar, com o desejo de lutar até o fim. Mesmo que passando necessidades, tendo lembranças da família, vendo mortes à sua frente em uma batalha sangrenta, para Phillip aquela era uma cavalgada rumo ao fogo, uma disputa para a morte. Era assim, então, uma batalha. O cenário todo parecia pintado numa tela. (*A ferro e fogo II, p. 34*). Phillip demonstra sua responsabilidade no momento em que o major que coordena a revolução fala que o novo governo não quer estrangeiros lutando ao lado deles, então terão que voltar a São Leopoldo e ele prontamente diz, mostrando-se surpreso: “ – Não volto, major.” (*A ferro e fogo II, p.26*).

Phillip jamais em toda a sua vida iria esquecer o fragor do entrelaço de lanças e espadas, o grito dos homens e os relinchos dos cavalos, o inimigo prontamente desmantelado, cercado, a tentar desesperadamente abrir uma brecha qualquer por onde pudesse romper o cerco muito bem planejado. Viu arrepiado uma lança penetrar no peito de um soldado e sair pelas costas, em meio a golfadas de sangue, o soldado a vomitar, olhos esgazeados. (*A ferro e fogo II, p.35*)

Em meio a prisão e feridas pelas quais passa em meio a guerra, sobrevive e volta aos braços de sua família que o aguarda com tanta ansiedade, porém com aparência muito diferente para quem permanece anos sem vê-lo.

Não bastando a participação de corpo e alma em uma batalha, logo Phillip envolve-se na Guerra do Paraguai, que foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul, estendendo-se de 1864 a 1870.⁴ O conflito se iniciou quando o governo

³Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_dos_Farrapos>. Acesso em: 4 de dezembro.

⁴Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Paraguai>. Acesso em: 4 de dezembro.

imperial brasileiro, com a concordância da Confederação Argentina, após um ultimato, interveio militarmente no [Uruguai](#), a fim de consolidar sua posição hegemônica na região e impor um governo uruguaio [colorado](#) transigente com os fortes interesses dos criadores rio-grandenses no norte daquele país. A reação militar do [Paraguai](#) a essa intervenção gerou o desencadeamento da guerra.⁵ Em meio a diversas mortes e doenças, os alemães lutaram “a ferro e fogo”, mesmo o Brasil não sendo sua pátria mãe, ajudaram-no até o último momento a vencer a guerra.

Phillip participa ativamente da guerra, reconhecido como bom soldado, e agora como cabo Phillip. Mesmo estando ferido, ele se doa completamente a batalha, não desistindo em momento sequer, enfrentando qualquer dor e dificuldade para poder ajudar o país.

Phillip passou mais uma vez a mão pelo ferimento e sentiu que de um ponto qualquer saía sempre, sem parar, alguma coisa quente, uma pasta pegajosa que descia sem pressa e colava a grama alta às suas virilhas; esvaziava o seu ventre dolorido, seu peito, sua cabeça, sabia que a morte chegava assim, as coisas em redor desaparecendo e aos poucos, muito lentamente, chegava o sono incontrolável, tranquilo, suave, definitivo. (*A ferro e fogo II, p. 146*)

O médico que estava analisando o caso do filho da família Schneider diz que esse era muito grave, não dependendo somente dele, mas, também, de Deus. Porém o cabo

insistia em continuar na batalha até o fim. Demonstrando-se sempre um cara de atitude, com vontade de lutar pelos seus direitos, tomando a frente em alguns momentos da guerra. Até mesmo Gründling que luta ao lado de Phillip o reconhece como um rapaz corajoso, que busca uma identidade para si e para seus conterrâneos. Ao final da luta, Phillip não parecia o mesmo homem, havia emagrecido mais de vinte quilos, os malarres espetavam a pele do rosto, tinha as pernas fracas, não conseguia ficar de pé senão por momentos,

⁵ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Paraguai>. Acesso em: 4 de dezembro.

poucos minutos, depois sentava para não cair. (*A ferro e fogo II*, p.239)

Entretanto, ao final dos conflitos, surge o questionamento sobre a validade das guerras: “E por que, meu Deus, matar?” (*A ferro II*, p.147), manifestando-se a dúvida quanto aos objetivos, porquê daquele modo de vida. E se vencer é sinônimo de matar, a vitória não é tão desejada, ainda mais quando os próprios compatriotas são transformados em inimigos. (KLAJN, p.99)

Ao final dos conflitos, os combatentes analisam se valeria mesmo a pena ter passado por tamanha situação crítica, percebem que a valorização da vida não se dá através de guerras, correndo riscos e muitas vezes, prejudicando seus próprios conterrâneos. Existem muitas outras formas de se atingir a vitória tão desejada, que não estando de frente à morte.

CARACTERÍSTICAS RELEVANTES E CONTRADITÓRIAS DOS PERSONAGENS PRINCIPAIS DO ROMANCE

Nesta saga da colonização do Rio Grande do Sul, destacam-se alguns personagens alemães trazidos ao Brasil com o objetivo do repovoamento da então Província de São Pedro. Como os colonizadores não viam desenvolvimento futuro para suas famílias na Alemanha, aceitam a vinda ao Brasil, onde são submetidos, a ferro e fogo, a condições degradantes de vida, vivendo em meio ao não cumprimento de promessas por parte do governo, e, muitas vezes, sentem saudade da sua terra de origem.

A família Schneider, que, ao chegar no Rio Grande do Sul, foi levada para o Chuí e, posteriormente, muda-se para São Leopoldo, pode ser considerada o verdadeiro símbolo da luta pela sobrevivência. Depois de todas as dificuldades passadas na viagem de navio da Alemanha para o Brasil, chegam aqui e se deparam com a falta de planejamento governamental, onde o que lhes tinha sido proposto pelas autoridades não foi cumprido. Portanto, para conseguir se manter, tiveram que, eles mesmos, começar a construir a sua vida aqui e ir em busca de seus objetivos, entrando então, até em negócios prejudiciais por confiarem nos seus compatriotas.

Gründling, comerciante que possui uma situação econômica muito superior a de seus conterrâneos, tendo o apoio e admiração do governo para com ele, apresenta-se aos

imigrantes como alguém capaz de lhes proporcionar melhores condições de vida. Demonstrando-se um homem ambicioso, prepotente, forte, decidido, hábil, ele se expande “rude e impiedoso, gritando com os empregados, ameaçando com os punhos todo aquele que caísse em erro, que tropeçasse no mais leve descuido”. (*A ferro e fogo I*, p.97) Um homem que apenas importa-se com lucro e diversão, o que rege sua vida são os negócios e a “farra”, onde está sempre envolvido com bebida e mulheres. Porém, ao conhecer Sofia⁶, ele se apaixona perdidamente e acaba dedicando-se mais a esse amor insaciável que sentia, casando-se posteriormente e tendo filhos com ela.

Desde o início até o final da narrativa a vida de Gründling foi tendo tantos

⁶menina alemã que veio para colonizar a região dos Sete Povos das Missões

acontecimentos marcantes que o fizeram aprender pela dor e, então, mudar. Josué Guimarães consegue mostrar, de forma clara, a diferença de comportamento e atitudes do personagem após presenciar fatalidades que o deixaram chocado. Primeiro, a morte da mulher Sofia, que ele tanto amava, depois a morte do filho Albino e ainda todo o sofrimento pelo qual passou na guerra, o fizeram cair na real e ao analisar a sua vida, ele reconhece que tudo se resume a cinzas: “Houve uma época em que o melhor da vida de um homem era ganhar dinheiro, muito dinheiro; depois a gente aperta esse dinheiro na mão e sente que ele não passa de cinza”. (*A ferro e fogo II*, p.213)

Apresentando-se, de início, como aquele que se prevalece da condição inferior de seus compatriotas, explorando-os e aproveitando-se da boa fé dos mesmos, subjuga a todos, especialmente aqueles que, por estarem em dificuldades, são os mais frágeis e marginalizados e acabam obedecendo sob pena de perder o pouco que possuem. (KLAJN, 2000, p.85) Ao final é castigado e regenerado por isso, vendo que uma excelente posição econômica não seria capaz de trazer de volta Sofia e seu filho Albino, Gründling entra em estado de declínio, não encontrando mais razões que o motivassem para ser feliz. E, então, a figura do “alemão de quase dois metros de altura, barba agressiva, olhos injetados”, transformando-se em “um velho alquebrado que custava a levantar-se de uma cadeira (...) Restavam-lhe poucos dentes, as mãos grossas e pesadas, os dedos se fechavam em forma de garra”. (*A ferro e fogo II*, p.139 e 243) Gründling pode ser considerado como o personagem

que através dos choques de reações provocados em quem está ao seu redor, comprova que os fortes sobrevivem e os fracos perecem.

Daniel Abrahão passa a maior parte do tempo da narrativa vivendo isolado em um poço, em meio às piores condições imagináveis. Porém, ali ele se sente seguro na companhia de sua bíblia, dedicando-se única e exclusivamente à religião. Sua trajetória é marcada pela fuga da realidade, diante da impossibilidade de realizar seus sonhos e concretizar seus objetivos, torna-se um homem frágil, dependente, submetido ao impacto de um ambiente hostil e opressor, sendo que o único meio que o personagem encontra para reerguer-se é a fé. Refugiado no buraco, assumindo a posição de um bicho, encolhido com um feto, vive em meio à alienação e exclusão da participação da vida real, deixando-se conduzir pelas decisões da esposa, que é quem se torna responsável por seu destino. Ameaçado em sua integridade física e moral, refugia-se dentro de si mesmo, perdendo o contato com as pessoas e o mundo lá fora, ingênuo e inseguro, torna-se incapaz de guiar seu próprio destino.

Escondido em baixo da terra para tentar preservar sua vida em meio às invasões sofridas por soldados inimigos, Daniel Abrahão perde sua identidade, ocorrem alterações físicas e psíquicas com o personagem e a vida passa a não ter mais sentido para ele. Então, entrega-se à religião, considerando os ensinamentos bíblicos o único meio de obter respostas a tanto sofrimento. Após tanto tempo vivendo debaixo da terra, o personagem acaba por acostumar-se com essa condição de vida e não quer mais sair dali, vendo-se sem forças para lutar, pensa em morrer e ser enterrado ali mesmo, no poço. Bastaria que entulhassem o buraco e sobre ele colocassem uma cruz com seu nome e as datas: 1798-1825. (KLAJN, 2000, p. 81)

Após passar longo tempo nessa condição de prisioneiro, “já conhecia gringos e brasileiros pelo pipocar surdo das patas dos cavalos”, escutava a mulher sendo violentada pelos agressores, e não podendo nada fazer, acaba por contentar-se com o isolamento. Em meio as alterações físicas sofridas por Daniel Abrahão, nem os filhos reconhecem mais o próprio pai pois “os cabelos já não tinham mais tamanho, a barba roçando o peito, as unhas encravadas como garras”. (*A ferro e fogo I*, p.42)

Apenas ao final da história, no momento mais crucial para o personagem, em que ele não encontra mais motivos para viver, está desanimado, triste e doente, ele é levado ao curandeiro Maurer para consultar. Lá encontra-se com Jacobina, esposa de Maurer, com a

qual Daniel Abrahão se identifica e cria certa afeição, pelo fato de os dois terem uma estreita ligação com a bíblia e a religiosidade.

O filho mais velho do casal Schneider, Phillip, torna-se responsável desde cedo, nas terras do Chuí quando assume a responsabilidade de manter-se alerta, de cima de uma árvore, a qualquer ponto negro em movimento no horizonte, que poderia ser sinal de perigo. O pequeno menino já sonha “com um mundo bem maior e desconhecido que não fosse só céu e campo”. (*A ferro e fogo I*, p.63) E, tendo em sua mãe o maior e melhor exemplo de coragem e ousadia, constrói desde cedo o perfil de um futuro soldado de personalidade marcante. É Phillip que, aos dezesseis anos, sem o consentimento de sua mãe, apenas com a aprovação do major Oto Heise torna-se soldado voluntário da Revolução Farroupilha, e firme em sua decisão, fala: “Não adianta me mandar embora. Não vou. Largo atrás, como os cachorros”. (*A ferro e fogo II*, p.20)

Quando adolescente luta contra os legalistas na Guerra dos Farrapos, já adulto faz parte das forças brasileiras na Guerra do Paraguai, em meio a ferimentos e a peste de cólera durante a guerra, recupera-se e volta à sua casa com mais de quarenta anos, nem lembrando da feição da esposa e dos filhos. Lutando por uma identidade para si e para seus conterrâneos, Phillip não admite ser submetido às desigualdades e condições precárias sem poder, pelo menos, tentar combater isso por meio da coragem, liderança e impulsividade que herdou de sua mãe. Isso pode ser comprovado por uma frase proferida aos demais durante a guerra: “Phillip disse entre dentes que fossem homens, que soubessem morrer com dignidade”. (*A ferro II*, p.196)

Catarina Schneider é imbatível, uma mulher forte, decidida, que luta pelos seus objetivos, vencendo as dificuldades com garra e coragem. É ela quem toma conta da casa, da família e dos negócios, tudo gira em torno dessa mulher de fibra. Ela coloca sempre, em primeiro plano, a sua família, defendendo-a com todas as forças e sujeitando-se a ser violentada para que nada aconteça ao marido e aos filhos. É Catarina quem luta pela posse de seu território, quem toma a frente para enfrentar Gründling e suas trapaças, e destaca-se como comerciante. Extremamente persistente ao superar os obstáculos em um ambiente desprovido das condições básicas necessárias à sobrevivência. Por meio dessa segurança, atitude, essência e persistência sempre presentes em Catarina, é que ela constrói o papel da mulher alemã nos territórios sul-rio-grandenses, assumindo posição de destaque.

De acordo com Lucia Helena, é a partir da construção das personagens que se começa a notar que a saga de Josué Guimarães ao mesmo tempo segue o molde das sagas e dele escapa. A linha de fuga pode ser melhor notada nas personagens masculinas de Daniel Abrahão e de Gründling do que na feminina quase feminista Catarina. E isto porque neles está mais tematizada a dimensão do precário que retira da saga a sanha da valentia e da virilidade grandiloquentes. E é através dessas personagens masculinas, em sua modulação em metamorfose ainda que muito sutil e gradativa, que se vai explicitando a mudança de tom da utopia que representavam: do sonho de construção e grandeza que cada um comporta. De revolucionários e messiânicos – não importa que marcados por um individualismo profundo – eles vão pouco a pouco transmutando em figuras manchadas de falhas, grotescas em Gründling, trágicas e patéticas em Abrahão, mas por onde se filtra a dimensão de uma outra utopia, a do precário da condição humana, que deles emerge. (HELENA, 1997, p.49)

A autora também afirma que, do momento em que Daniel Abrahão vai para o poço até o final do texto, em que ele não quer mais sair de lá, não se pode mais apenas perguntar quem é Daniel Abrahão, mas quais são, pois ele não é mais um, mas vários Daniéis. Como também são vários Gründling, dos três se fazendo exceção a personagem Catarina, menos fortemente marcada pela metamorfose. Embora Catarina pareça mais forte do que seu marido, Daniel Abrahão, porque ela sabe, mais do que ele, arquitetar, comandar, resolver, mandar, por isso mesmo ela se enfraqueceu no nível da problematização, uma vez que se apresenta pouco dilemática, quase sempre regida, mesmo em suas mudanças, pelo princípio da força e da lei do mais forte. (HELENA, 1997, p.50)

REFERÊNCIAS

AQUINO, Ivânia Campigotto. *A representação da etnia alemã no romance sul-riograndense*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

Guerra do Paraguai. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra do Paraguai](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Paraguai)>

Guerra Cisplatina. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/guerra-da-cisplatina/>>
< [http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra da Cisplatina](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_da_Cisplatina)>

GUIMARÃES, Josué. *A ferro e fogo*. Porto Alegre: Sabiá, 1972. v.1.

GUIMARÃES, Josué. *A ferro e fogo*. Porto Alegre: Sabiá, 1972. v.2.

HELENA, Lucia. Josué Guimarães, o resgate da solidão. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1997.

HOHLFELDT, Antonio. Uma perspectiva protestante da colonização do Rio Grande. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1997.

KLAJN, Elisa Maria. *Vidas a ferro e fogo: um diálogo entre a história e a literatura*. Passo Fundo: UPF, 2000.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *A Política da colonização do Império*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

NATH, Rosane Maria Pietrobelli. *Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*. Passo Fundo: Editora IMED, 2009.

Revolução Farroupilha. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_dos_Farrapos>

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. v.1

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. v. 2

SCHREINER, Renate. *Entre ficção e realidade: a imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado/Santa Cruz do Sul: Fates/Unisc, 1996.

OBRAS CONSULTADAS

BARBIERI, Therezinha. Colonização a ferro e fogo. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1997.

BECKER, Klaus. *Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai*. Canoas. Editora Hilgert, 1968.

CÂNDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. *Imigração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro, Faculdade Nacional de Filosofia, Cadeira de Geografia do Brasil, Publicação Avulsa, 2., 1950.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Josué Guimarães: uma vida plurifacetada. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1997.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura Brasileira: modos de usar*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Alemães na Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1995.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1982.

MARTINS, Dileta Silveira. A posição de Josué Guimarães na literatura sulina. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1997.

MEYER, Dagmar E. Estermann [2]. *Cultura Teuto-Brasileiro-Evagélica no Rio Grande do Sul: "Conteúdos" e "Movimentos" da Articulação de Gênero com Raça, Classe, Nação e Religião[1]*. Disponível em: <<http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0252.pdf>>

MUNER, Camila Rocha. *O tempo na história e na ficção*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistafrenteiraz/download/ricoeur_front.pdf>

PELLANDA, Ernesto. *A colonização germânica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1925.

SANTOS, Pedro Brum. A trama dos tempos: um conceito de história em A ferro e fogo. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Ed: Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1997.

SANTOS, Volnyr. Josué Guimarães: uma visão crítica do mundo. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*. Ed: Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1997.

WEIMER, Günter. *Memórias de Imigrantes*. Escola superior de teologia e espiritualidade franciscana, 1988.

CATARINA: ATITUDE, ESSÊNCIA E PERSISTÊNCIA

A personagem Catarina Schneider de extrema importância no romance de Josué Guimarães pode ser considerada a representação da mulher alemã durante as conquistas no território sul-rio-grandense. É através dela que o autor procura mostrar a relação do povo europeu com a nova terra: atitude, essência e persistência, na tentativa de, juntamente com

sua etnia assumir posição de agentes civilizadores.

Como afirma Klajn, é difícil separar literatura e vida. Por consequência, torna-se difícil separar pessoa de personagem. (KLAJN, 2000, p.27) É através da personagem que o leitor busca sua identificação com o romance, percebe traços de sua própria vida expressos naquela história. Aí entra a questão da verossimilhança – sentimento de verdade – quando, mesmo sendo um ser fictício, a personagem transmite a idéia de verdade existencial, concreta. (ROSENFELD apud KLAJN, 2000, p.28)

De acordo com Reis, a personagem é a categoria fundamental da narrativa: “Revela-se, não raro, o eixo em torno do qual gira a ação em função do qual se organiza a economia da narrativa”; constitui um elemento estrutural indispensável do romance. (KLAJN, 2000, p.28-29) A literatura precisa de personagem, pois é a partir dela que a trama se desenvolve, que a ficção acontece. Sem ela, não existiria romance. O ser humano no seu papel de leitor assume a função de personagem, assumindo as suas características e vivendo as suas dores e satisfações, suas conquistas e tragédias, seus medos, angústias e aflições, como se fosse parte daquilo tudo.

Catarina pode ser analisada como mulher destaque da sua etnia pelo fato de ser diferente em suas características e no seu modo de ser e agir naquele tempo. As mulheres alemãs sempre fizeram parte do processo produtivo, desde o início da colonização, por meio de seus afazeres. Porém, eram submissas às ordens enviadas pelos homens, no caso pais e maridos, subordinando-se a eles. Talvez por medo do que pudesse acontecer, sem saber qual seria a punição, acostumaram-se a calar, silenciar e obedecer, simplesmente. Já Catarina, rompe com essa condição tornando-se a base da estrutura familiar, e tudo girava em torno dela. A partir do momento em que o marido Daniel Abrahão torna-se impossibilitado, tanto física quanto mentalmente, de cuidar dos negócios e manter a família, a mulher torna-se responsável pelos cuidados e a sobrevivência de todos ao seu redor. Sempre acreditando em si mesma, tendo fé no seu potencial, ela toma conta dos negócios e da família, concretizando seus objetivos.

Demonstrando-se decidida desde o início do romance, é dela que parte a idéia de seguirem para o Chuí, bem como é ela quem toma conta da estância em meio às invasões de castelhanos e brasileiros, enquanto o marido se refugia no poço. Quando ela decide partir para São Leopoldo, mesmo sem a aprovação do marido, acaba gerenciando os

negócios próprios e assumindo assuntos domésticos. Isso pode ser comprovado por tais palavras

A multiplamente violentada e humilhada Frau Catarina nada espera de homem algum: pelo contrário, alça-se a uma condição masculina para construir seu próprio mundo e ali afirmar-se, enfrentando e vencendo a seus opositores, especialmente a Gründling, para ela o grande responsável por tudo o que sofrera. (HOHLFELDT, 1997, p.69)

Na estância, a proteção da família depende dela. Ao perceber a chegada dos soldados, rapidamente ordena que o marido refugie-se no poço, preservando, assim, a vida dele, pois, devido às armas contrabandeadas que escondiam, certamente ele seria morto.

Catarina, diante dos perigos a que sua família está exposta, não hesita, entrega-se aos invasores:

Em nome da manutenção da utopia, deixa-se tomar enquanto mercadoria: é o sacrifício de seu próprio corpo e de sua pessoa que não apenas salva o marido e o filho quanto, especialmente a propriedade. E é em nome desse mesmo objetivo que, em determinado momento, ela troca (isto é, comercia) a terra em que vive por um outro espaço onde poderá desenvolver suas aptidões. É como se, perdida a pureza e a ingenuidade originais (enquanto reminiscência da origem primordial?), Catarina não possuísse mais interdições: a ela tudo está agora permitido. Tornara-se, para usar a linguagem freudiana, *tabu*, mas enquanto tal, podia-se dar ao luxo de ser entidade protetora de seus entes queridos e, ao mesmo tempo, transformar positivamente tudo aquilo em que tocasse. (HOHLFELDT, 1997, p.70)

Como cita Rosane Maria Pietrobelli Nath,

Josué Guimarães delega à personagem Catarina o poder e a determinação de uma mulher forte e corajosa, capaz de enfrentar os piores obstáculos impostos pela vida para defender sua família e sua gente. Ela trava sua luta na solidão, age como heroína e, dentro do espaço que lhe cabe, assume sua identidade e constrói sua história, pois na época retratada, mesmo que desejasse apoio, não existia nenhum grupo feminista no qual pudesse, hipoteticamente, buscar forças. Assim, sozinha, ela constrói sua história em nome do seu bem maior: a família. (p. 93-94)

Portanto pode ser percebida a coragem da mulher alemã ao enfrentar os obstáculos sozinha, colocando em primeiro plano a família e o território em que estavam situados. A atitude dela ao negociar a terra que vive para, assim, poder em outro lugar, mostrar o seu trabalho, as suas qualidades enquanto então chefe da casa. Catarina assume todos os riscos para defender o que possui, que conquistou mediante grande esforço, desafiando a tudo e a todos.

É na mesma propriedade a qual Catarina defende de “unhas e dentes” que ela é violentada, não uma, mas várias vezes por parte dos soldados. Então,

Passa a sentir ódio e nojo, inclusive de si própria. Sujeita-se pela força, na primeira vez. Nas seguintes, não podendo reagir, deixa que as coisas aconteçam; reagindo despertaria a possível saída de Daniel Abrahão do poço e a consequente morte do marido pelos inimigos. Sabe que os seus violadores agem instintivamente ao se saciarem em seu corpo e não intencionam matá-la ou aos seus filhos. Em relação ao chefe da família, a punição seria inevitável. (KLAJN, 2000, p.73)

Já em São Leopoldo, Catarina inicia um negócio comercial, uma pequena oficina artesanal que acaba expandindo-se de forma rápida, com o objetivo de enfrentar, através da concorrência, o principal responsável por sua degradação, Gründling. Preocupada até com o estado absolutamente alienado do marido, após tanto tempo vivendo embaixo da terra, ela procura ocupar Daniel Abrahão, levando em consideração suas habilidades manuais. A personagem, que guardara dentro de si tanta raiva de Gründling, pensando até em matá-lo, só diminui esse sentimento que a domina no momento em que chega para acertar as contas com o homem e o encontra carregando o caixão da esposa Sofia que havia falecido. Não bastando esse fato, o comerciante ainda “paga” toda a sua maldade com a morte do filho Albino enquanto estava na guerra. A partir desses dois fatos, Catarina se sentindo dotada de forças maiores do que ele, vendo-se mais poderosa, resigna-se ao perdão. É aí que ela percebe que sua atitude a fez se dar bem, crescer ainda mais, sendo que Gründling

transfere para as suas mãos todas as posses dele, inclusive as imobiliárias. Então, o capital pelo qual ela tanto batalhara e ambicionara conseguir estava concentrado em suas mãos.

Na família Schneider, Catarina é o elemento forte, que une os membros da família, lidera e sustenta a casa, é ela quem determina os rumos a serem tomados, tudo por meio de sua essência, das suas atitudes de coragem e bravura para lidar com as grandes dificuldades encontradas pelo caminho. Em momento algum pensando em desistir, ela não demonstra fraqueza, acredita ser capaz de resolver tudo que lhe é imposto, contrariando os padrões da época da narrativa. É ela quem procura resolver a alienação ou demência do marido, acreditando ser no mesmo espaço marginalizado que ela fora violentada em meio aos ouvidos do marido, que ela poderá obter sua remissão, por iniciativa própria. É também, por sua decisão juntamente com o aval de Jacobina, que Daniel Abrahão permanece no Ferrabrás mediante os cuidados de Maurer para se curar. Todas as responsabilidades recaem sobre essa “mulher de ferro.”

É difícil definir a personagem completamente, ao todo pois:

(...) são poucas as referências quanto à caracterização física de Catarina. Entretanto esboçam o perfil de uma mulher convicta de suas decisões, vigorosa o bastante para suportar as dificuldades e as agressões a que está sujeita. É a cara redonda e forte dela que surge atrás do marido, ao escutar, curiosa, as propostas de um homem que lhes oferece sociedade em um negócio honesto e lucrativo, segundo ele. O comerciante, ao perceber o interesse da esposa de Daniel Abrahão, expõe o seu plano de tal forma que ela não perca nenhum detalhe, exaltando-a como a “mulher moça e inteligente” (*A ferro I*, p.14), merecedora de um futuro tranqüilo para si e para a família que está prestes a aumentar. (KLAJN, 2000, p.72)

Durante os devaneios de Daniel Abrahão, quando sonha com o cheiro do pão de sua terra natal, batendo “aquela” saudade, é Catarina que mostra a realidade de volta para ele, lembrando que não adianta ficar só sonhando, esperando que algo de bom aconteça. Ela fala que não são só de sonhos que provém os pães, e sim, do esforço braçal e do trabalho árduo. Ela pensa e age como se o trabalho fosse o único modo de se atingir objetivos, acreditando que para possuir uma terra é necessário desenvolvê-la, torná-la produtiva, colhendo seus frutos posteriormente. Catarina acredita que, só assim, conseguindo um bom

território para fixarem-se e obterem lucros, justificaria a vinda da família Schneider para um país estranho.

Como cita Klajn, retratando um pouco das características esperadas da mulher alemã da época, a personagem:

(...) fica conhecida como mulher “de faca na bota; Frau Catarina é o homem da casa.” (*A ferro I*, p. 156 e 160) Observa-se o preconceito em relação à mulher dessa época. Seu valor é lembrado à proporção que seu esforço se aproxima ou se iguala ao do homem; o seu trabalho não é reconhecido dentro da sua condição feminina. Catarina não se destaca por ser uma mulher que obstinadamente luta pelo bem-estar de sua família mediante a incapacidade de seu marido, e, sim, porque, dentro de uma sociedade conservadora, trabalha tanto quanto qualquer homem. (KLAJN, 2000, p.75)

A personagem jamais perdeu a esperança de ver o filho Phillip voltar da guerra, encorajando e consolando a nora durante esses regressos e partidas do filho e mantendo, sempre, a união da família. Porém, ela mesmo reconhece que, à medida que “vai ficando velha, vai ficando mais fraca.” (*A ferro e fogo II*, p.199) Ela explicava que enquanto os homens vão para a guerra, as mulheres devem dar continuidade a vida de tal forma, que quando eles regressarem encontrarão tudo em ordem.

É evidente a persistência, coragem, ousadia, decisão prática que podemos perceber nos gestos da personagem. Ela possui qualidades interiores que ao mesmo tempo que a ajudam a aceitar os desafios impostos pelas conquistas de territórios a fazem perceber a necessária transformação desse espaço social. Representando a segurança que possui como imigrante que supera os obstáculos, luta por sobrevivência em um ambiente hostil, diferente do que era esperado, imaginado. Persistente, Catarina vai em busca do que lhe é de direito, não gosta de ser enganada, revoltando-se quando isso acontece; é ela quem define o papel da mulher alemã na sociedade da época, conquistando uma nova posição, através do seu próprio esforço e vontade de vencer. Por meio dessa personagem que se revela a dimensão atingida pelo trabalho feminino é que vem o posterior progresso alcançado pelos imigrantes alemães.

Mesmo estando à frente do empório e das oficinas, ela consegue dedicar-se aos afazeres domésticos e aos cuidados com a família, como se o cansaço lhe fosse proibido. Nas palavras do escritor Pozenato (1999) “seu criador a fez forte mas solitária. Ou solitária porque forte, pois nenhuma grande árvore se apóia nos arbustos que a rodeiam. Apenas para dentro de si pode chorar, em silêncio e sem testemunhas.” (POZENATO apud KLAJN, 2000, p.77-78)

Apenas após uma vida marcada por diversas privações e muito trabalho, que ela aparenta sinais de fadiga. A vontade de chorar, tantas vezes reprimida, a intenção de não deixar “entrever suas mágoas, toda a dor que escondia dos demais”, não existe mais. (*A ferro I*, p. 44) Não consegue mais reter o sofrimento de tantos anos – a sua estrutura impávida revela uma oculta suscetibilidade, “iniciando um choro abafado como não fazia há longos e longos anos”, reconhecendo que “é a velhice que chega.” (*A ferro II*, p. 203 e 216) (KLAJN, 2000, p.77)

O cansaço e a idade a tornam a cada dia mais debilitada, até o dia em que desmaiada, sem forças, em estado de morte, é levada às pressas ao curandeiro Maurer. O que a reanima por alguns instantes – ela que agora estava em estado frágil de saúde – foi a tão esperada chegada do filho Phillip: “Eu sabia que Deus não podia me abandonar.” (*A ferro e fogo II*, p. 263)

Em determinada passagem, Catarina afirma que o sofrimento torna as pessoas melhores. Ela, como outros imigrantes alemães, foram vítimas e testemunhas de grandes violências e iniquidades. Se não vieram a ser melhores, certamente tornaram-se mais fortes, persistentes, desejosos de justiça. (KLAJN, 2000, p. 74)

Catarina Schneider, já está quase blasfemando e tem um sorriso no canto da boca quando diz: “Eu não sou merecedora.” Talvez queria dizer que não merece ser ostentada sobre um pedestal, mas também que não merece ter sido eleita para suportar nos ombros todos os destinos de todas as mulheres nos tempos difíceis da colonização. O *criador* desaparece, no entanto. (POZENATO, ZH Cultura, 14 de agosto de 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados pode-se chegar à conclusão de que a obra *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães é de extrema importância para os apreciadores de literatura gaúcha e história, pois relacionando as duas da forma mais adequada possível, ele retrata a saga dos colonizadores alemães no Rio Grande do Sul.

Não se abstendo de detalhes, o autor apresenta aos leitores, no romance citado, todo o sofrimento e as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes que deixaram seu país para fugir das guerras, tentando encontrar melhores condições de vida e depararam-se com uma realidade totalmente diferente. Promessas feitas pelo governo que lhes garantia uma realidade diferente da que eles estavam acostumados a viver na Alemanha, não foram cumpridas. Portanto, mesmo com dificuldades de comunicação, sem entender as pessoas que aqui estavam, os colonizadores tiveram que tentar estabilidade por si próprios. Em meio a enganações de seus próprios compatriotas, a família Schneider, tendo em Catarina o foco principal de análise, lutou sempre com muita garra e coragem pela sua sobrevivência num ambiente que lhes era desafiador.

Catarina, situando-se como chefe da família alemã, controlava a família, cuidava do lar e dos negócios, sendo que todas as tarefas a qualificavam como dedicada, batalhadora, determinada e sonhadora com um futuro estável para todos. É por meio dessa personagem que merece grande destaque, através de suas principais características: atitude, essência e persistência, que Josué Guimarães, tenta mostrar a relação do povo europeu com a nova terra, na tentativa de tornar-se, juntamente com seu povo, agentes civilizadores tanto das terras do Chuí como de São Leopoldo. Mostrando-se sempre forte e defensora de seus ideais, enfrentando todas as adversidades que lhe eram impostas. É Catarina quem lidera o romance, sendo, portanto, o centro da narrativa e obtendo tanta importância ao longo deste estudo.

Os alemães, vivendo em meio ao “preconceito” dos gaúchos, que tinham medo que eles pudessem dominar suas terras, deram toda a sua força e lutaram até o último momento como voluntários em guerras na defesa do Brasil, em especial do Rio Grande do Sul. Aguentando todas as consequências provenientes da participação em uma batalha, tentando adaptar-se a uma nova cultura, tornavam-se ainda mais próximos como uma forma de apoio e sustentabilidade. A incerteza dos fatos os faz apenas lutarem ao que estão expostos, partindo em busca de seus direitos, mesmo sabendo que a dor e o sofrimentos não deixariam de os acompanhar.

Catarina Schneider apresenta-se como diferente das mulheres gaúchas da época, que eram submissas aos maridos e geralmente trabalhavam em casa, pela forma de atuação ao longo de todo o romance. Dotada de atitude, assumindo todos os afazeres, ela praticava muitas vezes atividades que eram próprias dos homens naquele contexto social. Ela revela-se como a mulher alemã capaz de compreender e vencer os problemas que lhe eram impostos, sendo decidida no enfrentamento dos obstáculos, por isso participa ativamente do processo de colonização alemã do Rio Grande do Sul.

Recebido em 26/06/2010.

Aceito em 27/07/2010.